



— POR QUE AS PESSOAS MIGRAM · EPISÓDIO II · GUERRA

O PRIMEIRO EXÍLIO.

A guerra não destrói primeiro os corpos. Destrói a capacidade de imaginar o futuro. O amanhã continua sendo o primeiro refugiado da guerra.

No02

Every Number Has a Face

■ REPORTAGEM Nº 02 • EDIÇÃO EM PORTUGUÊS • 2026

EVERY NUMBER HAS A FACE

O PRIMEIRO EXÍLIO.

POR QUE AS PESSOAS MIGRAM — EPISÓDIO II • GUERRA

A guerra não destrói primeiro os corpos. Destrói a capacidade de imaginar o futuro. Em oito passagens — de Kharkiv a Cartum, de Gaza a Sagaing, de Beirute a Cabul — esta reportagem procura o momento exato em que o amanhã deixa de ser um lugar habitável.

NESTA EDIÇÃO

I A Rotina	p. 03
II O Amanhã	p. 05
III Uma frase, cinco idiomas	p. 07
IV O Loop • Quando a fuga é permanente	p. 10
V O Fenômeno Demográfico	p. 17
VI A Aposta no Futuro	p. 19
VII O Impacto em Números	p. 20
VIII O que Fica	p. 22

PUBLICADO POR

KIN INSTITUTE

O PRIMEIRO EXÍLIO

EDITORIAL • KIN PUBLISHING
DESIGN SYSTEM • KIN 2026
KIN.INSTITUTE

A ROTINA.

Em qualquer lugar do mundo, o dia começa antes de qualquer decisão consciente.



O corpo acorda e segue uma ordem que aprendeu a repetir — não a mesma em nenhum lugar, mas com a mesma função em todos. Em Kharkiv ou em Cartum, em Gaza ou em Sagaing, em Beirute ou em Cabul, existe uma sequência de atos pequenos e invisíveis que dizem ao corpo: o dia começou. Existe um dia. Existe um amanhã onde essa sequência vai se repetir.

Essa sequência não tem nome. Não precisa. Funciona porque nunca falhou.

A guerra não destrói essa sequência imediatamente. Faz algo mais preciso e mais devastador: tira o sentido dela. Os atos continuam por um tempo — o corpo ainda acorda, ainda tenta seguir a ordem que sempre seguiu. Mas o amanhã que eles preparavam já não está garantido.

É nesse momento — não quando a bomba cai, não quando a fronteira fecha, não quando a escola fecha — que a guerra realmente entra numa vida.

■ É NESSE MOMENTO — QUE A GUERRA REALMENTE ENTRA NUMA VIDA.

**QUANDO A
SEQUÊNCIA
PERDE O SENTIDO.**

**QUANDO O AMANHÃ
VIRA UMA APOSTA.**

A GUERRA ENTRA PELA PORTA DA ROTINA — ANTES DE ENTRAR PELA PORTA DA CASA.

PARTE II • DESORIENTAÇÃO TEMPORAL



O AMANHÃ.

O que a guerra realmente leva quando chega?

As casas? As escolas? O pão? Os hospitais?

Ou existe alguma coisa que some antes de tudo isso — silenciosamente, sem explosão, sem notícia — que só é percebida quando alguém tenta encontrá-la e já não está?

A ciência encontrou um nome para esse vazio. Chama-se *desorientação temporal*. Pesquisadores que estudaram populações civis israelenses um mês depois do início da guerra de outubro de 2023 documentaram o fenômeno com precisão: a guerra não destrói primeiro os corpos. Destrói a capacidade de imaginar o futuro. O amanhã se torna, literalmente, inacessível como conceito operacional.

Os pesquisadores chamam de *prospectiva pragmática* a capacidade humana de pensar no futuro para dar sentido ao presente — de planejar o almoço de domingo, de marcar uma consulta, de reservar as férias, de decidir reformar a cozinha. É um mecanismo tão básico que a maioria das pessoas nunca percebeu que o usa. Só percebe quando desaparece.



A GUERRA DESTRÓI ISSO PRIMEIRO. ANTES DAS CASAS. ANTES DOS HOSPITAIS. ANTES DE QUALQUER COISA QUE APAREÇA NOS RELATÓRIOS HUMANITÁRIOS.

E quando esse mecanismo some — quando o amanhã deixa de ser um lugar onde faz sentido investir esperança — as pessoas param de planejar. Quando param de planejar, param de pertencer. Quando param de pertencer, chegam inevitavelmente à mesma pergunta:

**POR QUE FICAR AQUI,
SE AQUI NÃO TEM MAIS AMANHÃ?**

■ II • O AMANHÃ • DIANTE DO PORTÃO TRANCADO

**ANTES DAS CASAS.
ANTES DOS HOSPITAIS.
ANTES DE QUALQUER
RELATÓRIO.**

PARTE III • TÍNHAMOS PLANOS

UMA FRASE, CINCO IDIOMAS.



Em 2023, pesquisadores recolheram autobiografias de 21 refugiados ucranianos na Polônia e na Alemanha. Pediam que cada pessoa contasse a própria história com as próprias palavras. Sem roteiro. Sem pergunta dirigida.

A expressão que se repetia — em bocas diferentes, sobre cidades diferentes, em histórias que não tinham nenhum outro ponto em comum — era sempre a mesma: **“tínhamos planos para o futuro.”**

Uma dentista de Kharkiv disse isso. Uma professora de inglês de outra cidade disse a mesma coisa com palavras ligeiramente diferentes. Uma mãe de Kharkiv, depois de sete dias com os filhos debaixo de uma escada, disse: *“A pior coisa era não saber o que aconteceria no segundo seguinte. Não havia nenhuma sensação de segurança.”* E então acrescentou, quase como uma explicação: *“Tínhamos planos.”*

Do outro lado do mundo, numa pesquisa acadêmica da Universidade de Cambridge sobre narrativas de refugiados sírios, uma mulher foi perguntada sobre seus planos. Respondeu: *“Sonhos ou planos para o futuro? Mal consigo pensar uma hora à frente.”*

No Mediterrâneo, dentro de um navio de resgate, um jovem sudanês de 18 anos chamado Yusuf — que tinha cruzado o Saara e o mar para chegar àquele barco — disse o que nenhum dado estatístico consegue capturar: *“Não havia futuro. Não havia onde estudar, não havia nada. Se não fosse a guerra, jamais teria saído do Sudão. Tudo fechou: as escolas, o hospital, tudo.”*

De Gaza, entre os vinte testemunhos de refugiados palestinos no Egito registrados em 2025, uma mulher chamada Salma disse simplesmente: *“Aquele foi o momento em que entendi que eu não podia mais ficar em Gaza.”* E outra, Yasmeen: *“Saímos de Gaza, mas Gaza nunca saiu de nós. Ela vive dentro da nossa dor, do nosso silêncio, da nossa força.”*

Da Bósnia, de abril de 1992, a memória de uma menina de oito anos que não voltaria ao seu país por dezessete anos: *“Aquele manhã era como qualquer outra manhã. Eu ia para a escola. Minha avó me pegou pela mão e corremos até o rio Sava. No ônibus que nos levava embora, eu me lembro de acenar para o meu avô. O corpo dele foi ficando cada vez menor enquanto o ônibus avançava.”*

■ UCRÂNIA

Kharkiv • 2022–2023

■ SÍRIA

Cambridge • 2011 →

■ SUDÃO

Yusuf, 18 • 2023 →

■ PALESTINA

Salma • Yasmeen • 2025

■ BÓSNIA

rio Sava • 1992

CINCO CONFLITOS. CINCO IDIOMAS. CINCO DÉCADAS.

UMA FRASE.

“TÍNHAMOS PLANOS.”

Não dizem: *tínhamos uma casa*. Não dizem: *tínhamos dinheiro*. Não dizem: *tínhamos um país*. Dizem sempre primeiro: **tínhamos planos**.

Não os grandes planos que aparecem nos discursos. Os planos invisíveis. O que ia fazer no fim de semana. Onde ia almoçar na terça. Se ia consertar aquela goteira antes do inverno. Esses planos não pareciam importantes porque nunca falhavam.

**QUANDO A GUERRA CHEGOU,
FORAM OS PRIMEIROS A IR.**

PARTE IV • O LAÇO DO DESLOCAMENTO

IV

O LOOP.

Quando a fuga é permanente.

Existe um fenômeno dentro das crises de deslocamento modernas que os relatórios humanitários registram nos números mas raramente nomeiam com precisão. Chama-se *displacement loop* — o laço do deslocamento.

É a situação em que uma pessoa, uma família, uma comunidade inteira foge. Encontra alguma forma de estabilidade provisória. Tenta voltar. E é forçada a fugir de novo. Às vezes três vezes. Às vezes oito. Contadas como “deslocadas” num relatório e como “retornadas” no seguinte — sem nunca terem tido um único dia de segurança real. **O laço não é exceção. É a regra do deslocamento contemporâneo.**



AFEGANISTÃO

No Afeganistão, o Conselho Norueguês para Refugiados documentou que **sete em cada dez refugiados afegãos que retornam ao país são forçados a fugir novamente**. Em 2025, 2,5 milhões de afegãos foram devolvidos — a maioria por pressão de países que mudaram suas políticas de acolhimento, não por melhoria das condições em casa. Muitos iniciaram mais uma volta no laço sem sequer ter desfeito as malas da anterior.

7_{EM} 10

Refugiados afegãos que retornam ao país são forçados a fugir novamente. Fonte: NRC

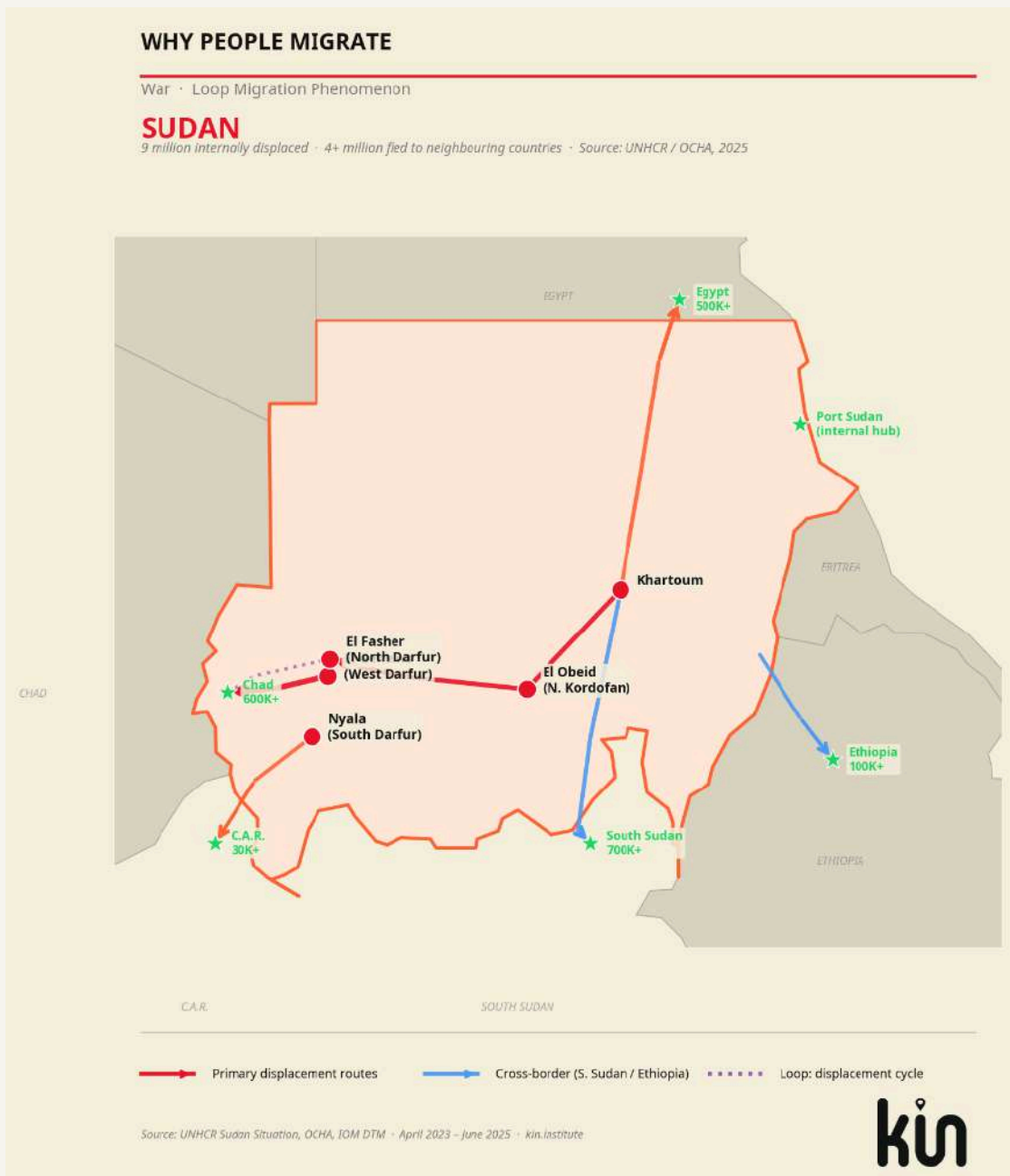
2.5M

Afegãos devolvidos em 2025 — a maioria por mudança nas políticas de acolhimento. Fonte: NRC

SUDÃO • O RITMO CRUEL

O RITMO CRUEL

No Sudão, pesquisadores descreveram o que chamaram de *ritmo cruel*: a mesma família foge da violência, encontra um campo de refugiados, tenta voltar quando a região parece estabilizar, e foge novamente quando a próxima onda de conflito chega.



ZAMZAM • AGOSTO 2025

O campo de Zamzam — que abrigava meio milhão de pessoas — foi atacado. Entre **1.500 e 2.000** foram mortas. Em Abu Shouk, 60 morreram de desnutrição numa semana. Os campos viraram novas linhas de frente.

O LAÇO

“Este é o laço dos refugiados do Sudão — um ritmo cruel em que as pessoas estão sempre em movimento, mas nunca conseguem chegar a lugar nenhum.”

PUBMED CENTRAL • 2025

9M

Deslocados internos

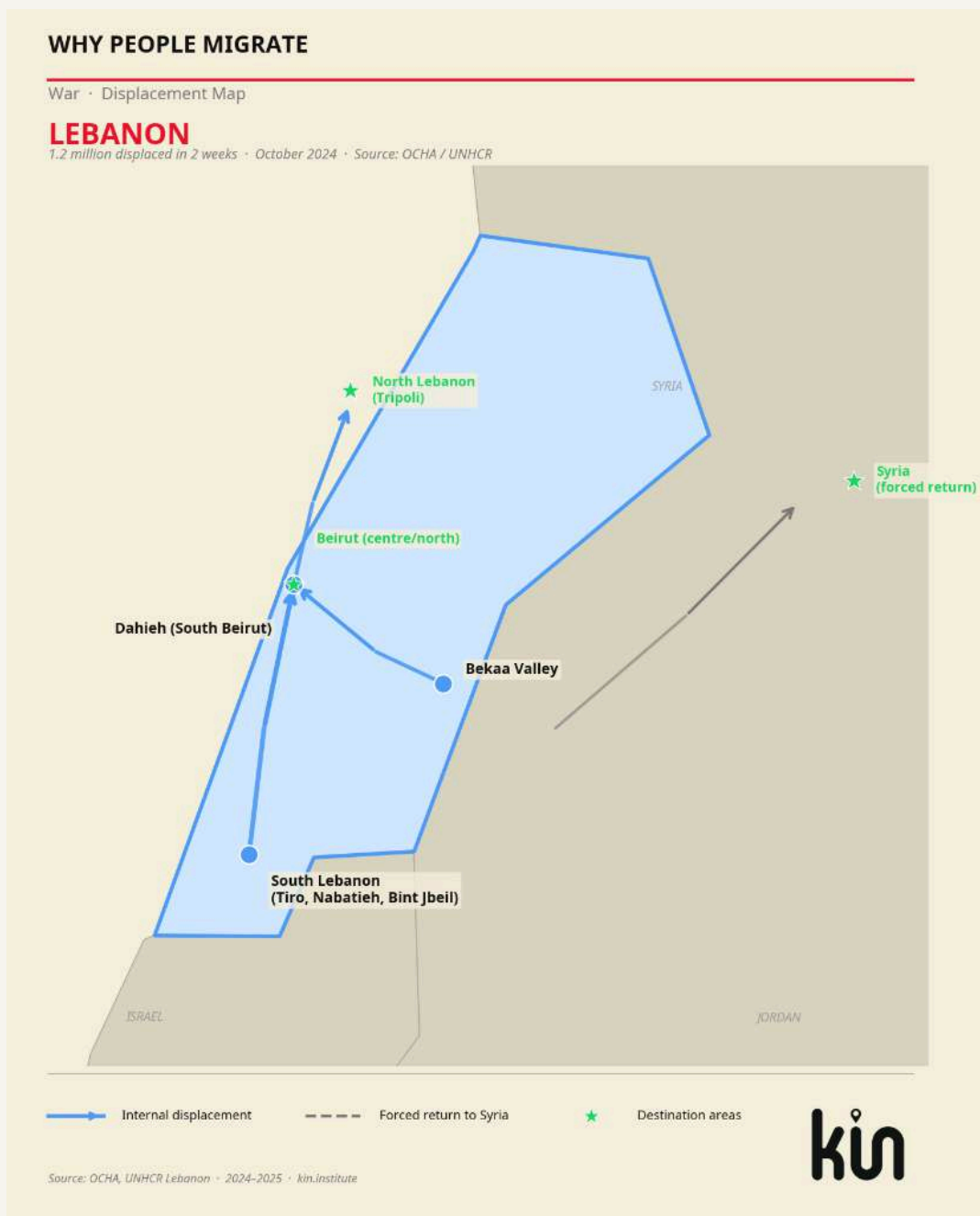
4M+

Para países vizinhos

■ LÍBANO • NUNCA DESEMPACOTAMOS

NUNCA DESEMPACOTAMOS DE VEZ.

No Líbano, entre setembro e novembro de 2024, **mais de 1,2 milhão** de pessoas foram deslocadas com a intensificação dos conflitos na fronteira sul. Depois do cessar-fogo de novembro, muitos voltaram. Repararam as casas com as próprias mãos. Replantaram os olivais. Mandaram os filhos de volta à escola. **Mas nunca desempacotaram completamente.**



FAZENDEIRO • BINT JBEIL

“Consertamos o telhado da casa e voltamos a plantar. Mas nunca desempacotamos de vez. Sabíamos que a situação podia mudar a qualquer momento.”

PROFESSORA • SUL DO LÍBANO

“Toda vez que ouvíamos um drone, todos paravam o que estavam fazendo. A gente nunca sentiu que a guerra tinha de verdade acabado.”

MARÇO 2026

Israel emitiu novas ordens de evacuação em massa para o sul. As mesmas famílias fugiram de novo. Desta vez mais rápido — **porque já sabiam o caminho.**

■ SOBRE O NOVO SIGNIFICADO DE “CASA”

“ESTAS MOVIMENTAÇÕES EM CAMADAS MOSTRAM QUE O DESLOCAMENTO NO SUL DO LÍBANO NÃO É MAIS VIVIDO COMO UMA RUPTURA SINGULAR, MAS COMO UMA CONDIÇÃO RECORRENTE. AS FAMÍLIAS PARTEM, VOLTAM, RECONSTROEM, E SÃO FORÇADAS A PARTIR DE NOVO — ÀS VEZES VÁRIAS VEZES DENTRO DO MESMO CONFLITO, REFORMULANDO GRADUALMENTE O QUE SIGNIFICA ‘CASA’.”

THE TAHRIR INSTITUTE FOR MIDDLE EAST POLICY • MARÇO 2026

1.2M

Pessoas deslocadas entre setembro e novembro de 2024, com a intensificação do conflito no sul.

NOV**2024**

Cessar-fogo. Retornos começam. As famílias voltam mas mantêm as malas junto à porta.

MAR**2026**

Novas ordens de evacuação. Fugiram outra vez — mais rápido, porque já sabiam o caminho.

GAZA • 161 ORDENS DE EVACUAÇÃO

A DIMENSÃO SEM PRECEDENTE

Em Gaza, o laço atingiu uma dimensão sem precedente histórico recente. Entre outubro de 2023 e outubro de 2025, as forças militares israelenses emitiram **pelo menos 161 ordens de evacuação diferentes** para residentes da Faixa. **Noventa por cento** dos gazawuis foram deslocados pelo menos uma vez. A maioria, muito mais.



HAIDER • MSF • 8× EM 12 MESES

“Dois dias atrás, houve mais um deslocamento. Não dormi por 24 horas enquanto nos movíamos de um lugar para outro por causa das explosões. Fico sempre pensando na minha mulher e nos meus filhos no norte de Gaza, e sofro todos os dias.”

O QUE NÃO SE RECONSTRÓI

“VOCÊS PODEM RECONSTRUIR A CASA. PODEM RECONSTRUIR QUALQUER COISA. MAS O QUE NÃO CONSEGUEM FAZER É TRAZER DE VOLTA AS PESSOAS QUE NOS DEIXARAM.”

HAIDER • PROFISSIONAL DE SAÚDE • MSF

■ MIANMAR • CINCO CAUSAS SOBRE AS MESMAS PESSOAS

UM LAÇO COM CINCO CAMADAS

No Myanmar, o laço tem uma dimensão particular: **cinco causas distintas de deslocamento acontecendo ao mesmo tempo sobre as mesmas pessoas** — guerra civil (a junta militar controla apenas 21% do território), terremoto 7,7 em março de 2025, inundações de monção, colapso econômico e fome estrutural que atinge **12,4 milhões** (22% da população).



01

GUERRA CIVIL

02

TERREMOTO

03

INUNDAÇÕES

04

COLAPSO
ECONÓMICO

05

FOME ESTRUTURAL

ENFERMEIRA ANÔNIMA • SAGAING • ABR 2025

“Se eles ficarem sem remédio, vão ficar em casa esperando a morte. As doações diminuiram, e se não chegar mais nada, mesmo querendo ajudar, simplesmente não vamos conseguir.”

3.6M

Deslocados internos
no Mianmar • nov 2025

415.200

“Retornos” registados pelo ACNUR no
mesmo ano — **não vitórias humanitárias,**
voltas ao ponto de partida do laço.

PARTE V • A MEDIDA MAIS HONESTA

V O FENÓMENO DEMOGRÁFICO.



Existe uma medida que nenhum relatório de conflito usa diretamente, mas que é provavelmente o indicador mais honesto do que a guerra faz a uma sociedade ao longo do tempo. É a **taxa de natalidade**. Não é uma opinião. É comportamento. É a escolha — consciente ou não — que uma população faz sobre se existe um futuro onde faz sentido trazer mais alguém.

A Ucrânia tem hoje uma taxa de fecundidade de **0,9 filhos por mulher** — a mais baixa da história do país. A taxa de mortalidade é três vezes superior à taxa de natalidade. Em março de 2025, a vice-ministra de Política Social, Daria Marchak, anunciou o dado como um “antirecorde”: nunca, desde que o país existe como nação independente, tão poucas crianças tinham nascido em proporção à sua população.

O Myanmar, depois de quatro anos de guerra civil somados a terremoto e inundações consecutivos, registrou em 2025 a taxa de natalidade mais baixa de sua história.

O Sudão, o Congo, a Somália — países onde o Estado desapareceu há décadas e onde a guerra é uma condição estrutural — têm taxas de fecundidade entre 4 e 5,9 filhos por mulher. A aparente contradição tem uma explicação precisa: quando não existe Estado, quando não existe sistema de saúde, quando não existe previdência social, quando não existe escola garantida, a família numerosa é a única apólice de seguro disponível. Cada filho que sobrevive é uma garantia de cuidado na velhice, uma mão a mais no trabalho, uma chance a mais de que alguém fique. É um cálculo de sobrevivência, não de esperança.

■ TAXAS DE FECUNDIDADE • O QUE O CORPO DECIDE SOBRE O FUTURO

O QUE CADA NÚMERO DIZ.

PAÍS	TAXA DE FECUNDIDADE	O QUE DIZ
UCRÂNIA EM GUERRA	0,9	<i>O amanhã é impensável</i>
MYANMAR	2,1 – MÍN. 2025	<i>A esperança tocando o fundo</i>
SUDÃO	4,0	<i>A família como único seguro de vida</i>
SOMÁLIA / CONGO	5,9	<i>Onde o Estado sumiu, o filho substitui tudo</i>

FONTES: BANCO MUNDIAL • OUR WORLD IN DATA

A UCRÂNIA — O PAÍS EUROPEU MAIS DEVASTADO — TEM A NATALIDADE MAIS BAIXA DO MUNDO. PORQUE AINDA RECORDA O QUE ERA TER UM ESTADO.

A GUERRA NÃO APENAS MATA OS QUE ESTÃO VIVOS. CANCELA OS QUE AINDA NÃO NASCERAM.

VI A APOSTA NO FUTURO.



Em abril de 2024, a idade mínima de mobilização caiu de 27 para 25 anos. Mas em 2025, numa inversão que surpreendeu analistas militares, os homens entre 18 e 22 anos passaram a poder sair livremente do país. O argumento não era tático. Era demográfico — e profundamente humano.

No meio de tudo isso — dos laços, dos campos que viraram linhas de frente, das sequências de manhã que perderam o sentido — uma nação tomou uma decisão que vai contra toda a lógica militar imediata.

A UCRÂNIA DECIDIU PROTEGER SEUS JOVENS.

O contexto que explica essa decisão é devastador: a taxa de mortalidade na Ucrânia em 2024 é três vezes superior à taxa de natalidade. A Ucrânia tem hoje muito menos pessoas na faixa dos 20 anos do que na faixa dos 30 e 40. São os filhos da crise demográfica dos anos 1990, quando o colapso soviético esvaziou o país de pessoas e de esperança. Mandar esses jovens para o front seria perder não apenas a batalha presente — seria perder a única geração capaz de reconstruir o amanhã.

O ATO DE RESISTÊNCIA MAIS PROFUNDO QUE UM ESTADO EM GUERRA PODE PRATICAR: RECUSAR-SE A CONSUMIR AS PRÓPRIAS CRIANÇAS.

“ESTA CRISE CRIOU ENTRE OS UCRANIANOS O ENTENDIMENTO DE QUE AS GERAÇÕES MAIS JOVENS EM IDADE REPRODUTIVA PRECISAM SER POUPADAS DO SERVIÇO MILITAR PARA EVITAR UM DESASTRE DEMOGRÁFICO. ELES SÃO O FUTURO DA UCRÂNIA E SEUS ESFORÇOS SERÃO NECESSÁRIOS NA RECONSTRUÇÃO QUE VIRÁ.”

SWEDISH DEFENCE RESEARCH AGENCY • FOI MEMO 8786

PARTE VII • UMA EM CADA 70 PESSOAS DO PLANETA

VII

O IMPACTO EM NÚMEROS.

No final de 2025, **117,8 milhões de pessoas** no mundo estavam em fuga. Uma em cada 70 pessoas no planeta.

Esse número é o mais baixo dos últimos três anos — e isso não é motivo de celebração. É o resultado das maiores vagas de retorno registradas em seis décadas. Mas o ACNUR foi cuidadoso na interpretação: muitos desses retornos aconteceram sob pressão, para condições frágeis, em países que ainda não estavam prontos para receber ninguém.

No Afeganistão, a maioria dos que “voltaram” o fez porque os países onde estavam mudaram as leis. No Sudão, os que “regressaram” encontraram fazendas queimadas e campos de refugiados convertidos em alvos militares.

117.8M

Pessoas em fuga no final de 2025 — **1 em cada 70** no planeta.

68.6M

Deslocadas **dentro** das fronteiras do próprio país — sem estatuto de refugiado, sem proteção internacional.

45M

Crianças com menos de 18 anos — **38%** de todos os deslocados do mundo são crianças.

72%

De todos os refugiados vêm de apenas **7 países** — todos em guerra ou colapso de Estado.

OS 7 PAÍSES DE ORIGEM • 72% DOS REFUGIADOS DO MUNDO

VENEZUELA PALESTINA UCRÂNIA SÍRIA AFGANISTÃO SUDÃO DO SUL SUDÃO

OS NÚMEROS QUE JÁ MUDARAM.

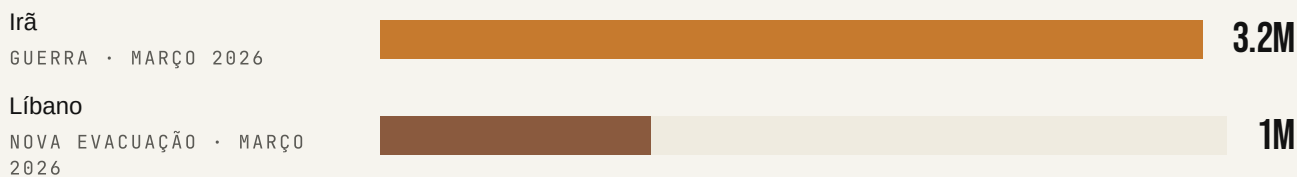
Em março de 2026, enquanto os dados de 2025 ainda eram processados, a guerra no Irã deslocou mais **3,2 milhões** de pessoas em menos de duas semanas. No Líbano, mais **1 milhão**.

O número de *1 em cada 70* já não reflete a realidade de hoje.

O próximo número oficial só existirá em junho de 2027.

ENTRETANTO, AS PESSOAS CONTINUAM A SE MOVER.

DESLOCAMENTOS RECENTES (MARÇO 2026)



DESLOCAMENTOS REGISTRADOS EM MENOS DE 4 SEMANAS • FONTES: ACNUR • IOM • OCHA

PARTE VIII • O CALCANHAR ENTRE OS ESCOMBROS

VIII O QUE FICA.

Existe um dado que a jornalista investigativa Azmat Khan — vencedora do Prêmio Pulitzer de 2022 pelo *New York Times* — levou anos para provar: **1 em cada 5 ataques aéreos** da coalizão liderada pelos Estados Unidos no Iraque matou civis. Uma taxa **31 vezes maior** do que o que o governo americano reconhecia publicamente.

Para chegar a esse número, ela e seu co-autor visitaram os locais de mais de 100 ataques aéreos no norte do Iraque. Entrevistaram centenas de sobreviventes. Escavaram escombros em busca de fragmentos de bombas. Processaram mais de 1.300 documentos militares classificados obtidos depois de anos de batalhas judiciais com o Pentágono.

O que ela encontrou nesses locais não estava nos relatórios oficiais.

ESTAVA NAS PESSOAS.

Em uma das casas destruídas, Azmat acompanhou Basim Razzo — um homem que perdeu a mulher e a filha em um ataque que o Pentágono negou por anos. Em determinado momento da visita, Basim entrou no quarto de lavar roupa e começou a chorar. O motivo: viu o calcanhar da filha entre os escombros.

“AQUELE MOMENTO SE TORNOU UMA PARTE CENTRAL DA HISTÓRIA. SE VOCÊ USA APENAS IMAGENS DE SATÉLITE OU RELATÓRIOS ONLINE SEM FALAR COM AS PESSOAS, VOCÊ PERDE A COMPLEXIDADE E A HUMANIDADE DAS SUAS VIDAS.”

AZMAT KHAN • GLOBAL INVESTIGATIVE JOURNALISM NETWORK

No discurso de aceitação do Pulitzer, em 2022, ela disse algo que resume o que seis anos de investigação ensinaram:

“AS GUERRAS AÉREAS QUE A AMÉRICA TRAVA HOJE REPRESENTAM UMA TRANSFORMAÇÃO FUNDAMENTAL DA GUERRA — UMA NA QUAL OS ESTADOS UNIDOS TROCARAM TROPAS EM CAMPO POR UM ARSENAL DE AERONAVES, DRONES DE GRANDE ALTITUDE E ARMAS DE PRECISÃO. ISSO SIGNIFICOU QUE MENOS AMERICANOS ESTÃO MORRENDO EM NOSSAS GUERRAS, MAS TAMBÉM QUE O CUSTO HUMANO FOI TRANSFERIDO PARA POPULAÇÕES ESTRANGEIRAS. COM O APERTAR DE UM BOTÃO, AS GUERRAS SÃO PERPETUADAS E ESQUECIDAS MAIS FACILMENTE DO QUE NUNCA.”

AZMAT KHAN • DISCURSO DO PRÊMIO PULITZER 2022 • THE NEW YORK TIMES

O que o trabalho de Azmat Khan provou — com dados, com documentos, com o calcanhar de uma criança nos escombros — é o mesmo que as vozes de Gaza, do Sudão, da Ucrânia e do Líbano dizem sem dados:

A GUERRA NÃO ACABA QUANDO OS AVIÕES VÃO EMBORA.

NEM QUANDO OS TIROS CESSAM. NEM QUANDO A FRONTEIRA REABRE.

ELA TERMINA NO DIA EM QUE UMA CRIANÇA, UMA MÃE, UM PADEIRO, VOLTAM A FAZER PLANOS PARA A SEMANA SEGUINTE.

■ EPÍLOGO • ATÉ LÁ...

O AMANHÃ CONTINUA SENDO O PRIMEIRO REFUGIADO DA GUERRA.



A ampulheta rachada entre os escombros. Enquanto a areia não volta a correr para um amanhã possível — uma escola, um café na terça, o próximo domingo — a guerra não terminou.

FIG. 08



O KIN Institute trabalha para fornecer rotas seguras, informação verificada e redes de apoio para migrantes em todo o mundo.

kin.institute

FICHA TÉCNICA

Série

Por Que as Pessoas Migram

Reportagem

Nº 02 — Guerra · O Primeiro Exílio

Edição

Versão em Português · 2026

Editor

KIN Publishing

Tipografia

Bebas Neue — display

Helvetica Neue — texto

JetBrains Mono — etiquetas & cartografia

Cartografia

Todos os mapas são ilustrações editoriais originais do KIN.

FONTES CITADAS

I & II Pesquisadores sobre desorientação temporal e prospectiva pragmática — estudos com populações civis israelenses um mês após outubro de 2023.

III Autobiografias de 21 refugiados ucranianos na Polónia e Alemanha (2023). Pesquisa acadêmica da University of Cambridge sobre narrativas de refugiados sírios. Testemunhos coletados no Mediterrâneo com o jovem Yusuf (18 anos, Sudão). Vinte testemunhos de refugiados palestinos no Egito (2025) — Salma, Yasmeen. Memória de menina bósnia (abril de 1992, rio Sava).

IV · Afeganistão Norwegian Refugee Council (NRC), *Report on Afghan returnees*, 2025.

IV · Sudão PubMed Central, análise da crise do Sudão, 2025. Ataque a Zamzam (agosto 2025); Abu Shouk (mortes por desnutrição).

IV · Líbano The Tahrir Institute for Middle East Policy, março 2026. Testemunhos coletados em Bint Jbeil e no sul do Líbano (2024–2026).

IV · Gaza OCHA — pelo menos 161 ordens de evacuação (out 2023 – out 2025). Testemunho de Haider · Médicos Sem Fronteiras.

IV · Myanmar Enfermeira anônima em Sagaing · *The New Humanitarian*, abril 2025. ACNUR — 3,6M IDPs e 415.200 “retornos” em novembro 2025.

V Banco Mundial & Our World in Data — taxas de fecundidade. Vice-ministra Daria Marchak (Ucrânia, março 2025).

VI Swedish Defence Research Agency — FOI Memo 8786.

VII ACNUR — *Global Trends 2025*. IOM · OCHA — deslocamentos Irão e Líbano (março 2026).

VIII Azmat Khan · *The New York Times*, Prêmio Pulitzer 2022. Global Investigative Journalism Network. Testemunho de Basim Razzo.

Todos os dados verificados em fontes primárias institucionais, acadêmicas e jornalísticas. A lista completa de fontes está disponível nos documentos de pesquisa do KIN Institute.